



## O NATAL DE ELZA

Sandra Maria Job<sup>1</sup>

Começava o natal. Para ela. Assim que ouvia. Sem querer. Mas prestando atenção, sim. A conversa dos grandes. “Natal tá chegando”. E ela já se punha. Atenta. A perguntar hoje mesmo para sua mãe. “Será que Ele vem?”

E a mãe: “Ah!!! Capaz que vem”. A lançar esperança. Em coração apaixonado.

E passava. O dia. Assim. A pensar. Ela. Menina. “Vem? Não vem? *Capaz que vem*”. Confiante na mãe. Adormecia sonhando. Que Ele viria.

Manhã dormida. Despertava ela. Que corria até a mãe. “Já é o dia?!”

“Não. Não é.” Respondia a mãe. “Muitos dias *falta* ainda”. E mostrava todos os dedos das mãos. Uma. Duas. Três. Mil vezes???! Nossa. Como eram muitos os dedos. Da mãe. E, “Mãe? Será que Ele vem?”

Respondia a paciência. Da mãe. “Sei não, filha. Capaz que vem. Vá brincar. Falta tempo ainda”. Já a lançar um fio de desesperança.

E ela ia. A menina. Ruminando suas dúvidas. Grandes. Esperanças. “Será que Ele vem?”

Logo. A mãe chamando “Elllllzaaaaa”. Interrompia qualquer pensamento.

“Sinhoooraa”?! – respondia já mais desperta.

E iam as duas. Pontos negros na estrada de terra. Batida. Poeirenta. Ao mercado. Comprar pra marcar. Na caderneta.

E observava. Distraída. A mãe. Pedindo ao vendedor. “Cinquenta centavos de querosene, por favor”. Pras lamparinas. Mas seus olhos. Já iluminados. Não era da bruxuleante luz da lamparina. Que arderia. Mais à noite. Nem do sol. Que fulgura. Lá fora. Era do desejo. Que mãe finge ignorar. Pois sabe.

“Tmbora”. Cutuca a mãe.

Menina, porém, não quer mais. Dali sair.

“Mãe?! Mãe?! Chama. Com olhos pregados pro alto. Vidrados. Hipnose. Ah, se funcionasse. E ela. A outrazinha. Balançando. Ao sabor do ventinho. Que sobrava. Às vezes. Por lá. Atiçando. A cobiça. “Mãe???!” Mais alto. “A senhora tá vendo?! Oia?!” E aponta. Indicando. Pra mãe. Que nem cega era.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).



E a mãe olha. E a filha. Agora. Para a mãe. Olha. Tentando adivinhar. Das possibilidades. Prováveis. Possíveis. Mas ouve: “Quem sabe, né?”

Ela sabia. Mas continua a mãe. “Vamos ver! Agora anda cá”.

E ela vai. Vai nada. Que coração fica. Com a bonequinha. Que mais parecia um sapo. De barriga pra cima. Mas tinha calcinha. Cal. Ci. Nha. Xadrez. De plástico. E chupeta. Uma chupetinha. Ela tinha. Ah. Deveras seu coração ali ficar.

E chegam em casa. Garrafa de querosene na mão. “Mãe?! Falta muito ainda!?” Pra única. Última esperança. Possível. De matar. A saudade. Que já sente. Da bonequinha. Que ficara.

“Não. Falta pouco. Vá brincar!” Já sabendo. A mãe. Impaciente.

“Mas, mãe?!” Insiste, Elza. “Será que Ele vem?!” Precisando daquela esperança.

“Depende”, responde a mãe. Pra se livrar. De não poder. Promessas cumprir. “Se tiver muito buraco na rua. Não. Pois ele não pode passar”.

E corre Elza. Para a rua. A observar. A contar. Mesmo sem saber. Um. Dois. cinco, quatro. Dez???! Dez. “Mãe??!!”, grita. “Na nossa rua têm uns dez buracos. Será que com dez Ele vem?!”

Mãe já nem responde. Capaz que eles arrumam a rua. Até amanhã. Pensa. Torce. Que arrumem a rua. De outras. Por causa da rua. Ele não viera. Chegara até a casa de outros primos. Mas não na sua. Na sua não. E torce. E retorce. Elza para casa. Acreditando ser possível.

“Co co ri co coooooooooó!!!” Avisa um galo aqui. Outros acolá. Que novo dia. A luz do sol rompe. Mas é cedo. Que galo madruga. Mas Elza é que não. E assim é num dia. No outro e no outro. De um outro. Do outro.

“Mãe?! Já é o dia?”

“É, Elza. Hoje *cê* vai dormir. E quando acordar é o dia.”

E, “Mãe?!..... será que Ele vem? Capaz que não, né?!” Triste. Já na antecipação. Das realidades. E. Por isso. Na sua esperança. Consolando-se. “Muitos buracos na rua, né, mãe?!”

“Não sei, Elza. Pode ser que sim. Pode ser que não”. Reacendendo a lança da esperança.

“Pode ser que sim... Pode ser que não. Pode ser que sim. Pode ser que não.” Ia remoendo Elza. No caminho para a festa. Que antecedia o dia. “Pode ser. Sim. Pode ser.



...não. Sim! Sim! Sim! A bonequinha. De calcinha. E chupetinha.” Na força da mente. Elza.

“Tomara que Ele venha. E nas mãos me traga ela.” No seu coração. Pediu.

“Mãe!?”

“Que, Elza?”

“Vai demorar?” – o comício. Que blá...blá...blá. Não agradou Elza. Pois ouvidos e olhos. Pregados no caminhão. Perto dali. Não ouviam nada.

E de repente. Se apercebe Elza. Fim do diz que fez. Mas não fez nada. Pois sua rua. Buracos ainda tinham. E correria. Ela própria. Tentando. Os passos largos. Da mãe acompanhar. Mas outros tantos. Cem. Quase. Mais. Sei lá. Também. E não foi possível. Ser o primeiro a chegar. E vira a mãe.

“Fique aqui”. Para ela e a irmã. “A mãe vai lá pegar.”

“Pra mim... uma boneca. Uma boneca, mãe.” Elza e sua esperança. Imploram. Mais com os olhos. Que com o coração. Que este. Ninguém vê. Ninguém escuta, não.

E vai a mãe. Firme. Gigante. Aos olhos de Elza. Que tudo assiste. Observa. A luta da mãe. Não de braço. Não de tapa. Nem de soco. Que mãe? Disso não é. A luta de amor. Pelos filhos. Pelos sonhos. Dos filhos. Só de amor. E Elza. Alheia. A luta em si. Mas por si torcendo. “Vai, mãe”. Torce. Corpo e mente. E coração.

E a mãe. Com os dois braços estendidos. Um. Para se fazer ver. Para alguém lá. Lá, no caminhão. Mão aberta. Agarrando o ar. Mas esperando. Um brinquedo agarrar. Tentando. Mais próximo chegar. Do caminhão.

O outro braço. O direito. Querendo o mesmo. Que o esquerdo. Mas é difícil. Ir de frente. Outros cem braços. Empurram daqui. Outros cem. Empurram de lá. Mãe se ajeita de lado, então. Com o braço direito aberto tenta um brinquedo. No caminhão agarrar. O esquerdo. Aberto pro nada no ar. Mãe usa esse então. Para se equilibrar.

Elza nem respira. Não gosta da cena. Mas gosta muito. Muito mesmo. De boneca. E queria aquela. Ou ao menos uma. Boneca na vida.

E eis que mãe vem voltando. Viva. “Viva!!!” Um brinquedo na mão. “Pegou uma boneca, mãe?!! Pegou?!! Já quer saber. Logo. A ansiedade. De Elza.

“Não, filha. Já não tinha mais boneca.”

Elza sabe que mãe mente. Por amor. Mas mente. E é com olhos vidrados. Desesperançosos. Que antes de ir. Elza olha o caminhão. Da prefeitura. De escolas.



Cheinho. Cheinho. Ainda. De bonecas. E de gente. Enlouquecida. Desarvorada. Em volta dele. Bonecas?! Não eram pra Elza. Decerto.

“Mas olha que bola linda”. Vermelha. De plástico. “Não é bonita?!” Tenta animar a mãe. “Cês gostou?!” pergunta com falsa animação. Que sabe. Voltar ao caminhão. Não adianta. Eles não trocam esmolas. E Elza também sabe. E. Por isso. Pega a bola. Sorri. “E sim. Mãe. É linda.” E no coração. A prece. “Hoje é o dia. Ele vai vir. Trazendo na mão. A minha bonequinha.” E com esse pensamento. Firme. No coração. A alegria retorna. À vida de Elza. Enquanto a noite. Também ia retornando. De um longo dia. De descanso.

À luz da lamparina. A querosene. Ardia uma pequena flama. Já era hora de dormir. Mas não. Recusava-se Elza. “Se dormir. E ele chegar?”. Pensava ela. Que não podia dormir. E se ordenava. “Fiquem abertos. Meus olhinhos. Fiquem abertos. Não vou dormir. Não vou. Fiquem abertos.” Já dormindo. A Elza.

“Co co ri co coooooooooooooóóóóóó!!!!!!” Acordando toda a gente. O galinho. Que hoje é dia. De cedo levantar. Mas antes. Do pé. No chão tocar. Mãos tateiam. Buscam. Procuram. Porém. Olhos veem primeiro. Ele veio. Veio sim. E grita a Elza. “Mãããããeee!!!! Ele veio!” . E fazem eco as irmãs. “Sim. Mãe. Ele veio. Ele veio.” Levantam felizes. Porque ano passado. Ele não viera. Não viera não. E vão até a mãe. Que se faz de inocente. E elas abrem as mãos. Em formato de concha. Bem abertas. Três irmãs. Três mãos. Vezes dois. Seis. Dentro. De cada duas. Três balas. Três balas. Três balas. 7 Belo. A preferida.

“Ele veio, mãe! E deixou pra nós. Debaixo do travesseiro. *Tava lá. Tava lá.* Mesmo. Mas eu não vi Ele não. Acho que dormi.” Explica a Elza. Chateada por não ter visto. E esquecida. Por aquele dia. Das bonecas.

E a mãe. Feliz. Para Elza. Que por perto fica. Sorrindo. De orelha a orelha. Já esquecida da bonequinha. Pois fora. Lembrada. Por isso. Somente. Feliz. E a mãe. Por fazer feliz. Diz. Pro vento. Que Elza? Esta está. A bala a embalar.

“Feliz natal.

Minha filha!”